

28ª Semana de Iniciação Científica da UERJ

Discurso Professora Elizabeth Macedo - Homenageada na 28ª Semana de Iniciação Científica da UERJ - SEMIC 2019

Proferido em 27 de novembro de 2019, 9º andar, Auditório 93, UERJ - Campus Maracanã

"Cumprimento o Magnífico Reitor e os demais colegas da mesa que compõem a equipe que liderou esta Universidade nos últimos anos, a quem agradeço pelo trabalho e pela homenagem que dedico à minha mãe, professora aposentada do Instituto de Aplicação, e aqui presente. Quero também expressar meu agradecimento à Sub-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, nas pessoas do Sub-Reitor, professor Egberto Gaspar de Moura, e da Diretora do DCARH, Rosa Name. É uma enorme honra, como ex-aluna de graduação desta Universidade, nomear o prêmio de iniciação à pesquisa de 2019, destinado exatamente a alunos e alunas de graduação que se destacaram em atividades de investigação. E, embora eu esteja hoje no Centro de Educação e Humanidades, sou oriunda do CTC, mais especificamente do Instituto de Química, de modo que não posso deixar de marcar a coincidência de que esta semana homenageie a tabela periódica, que iniciei minha carreira docente ensinando como professora do ensino médio.

Não há dúvidas de que os protagonistas da celebração de hoje são os alunos e alunas da graduação que se dedicam às atividades de pesquisa como parte de sua formação. E aqui não quero deixar de lembrar a importância da atividade de iniciação científica na formação de pesquisadores, o que faço citando alguns colegas docentes desta e de Universidades irmãs que se iniciaram como bolsistas em nosso grupo de pesquisa em currículo do PROPEd. Início pela querida Débora Barreiros, bolsista honorária do grupo, na verdade vinculada, na época, à UFRJ. Lembro também de BonnieAxer, Luciana Velloso, Thais Maia e Camila Gigante, professoras desta casa, assim como de Cassandra Pontese Hugo Camilo Costa, docentes, respectivamente, da UFRJ e da UFMT. Com suas distintas atuações, eles são bons exemplos de como o bom uso do dinheiro público – que

normalmente é feito nas Universidades – pode reverter em mais qualidade e revigorar todo o sistema. Hoje estou aqui no lugar da “velha”, não há dúvida de que nomear um prêmio desta importância nos coloca neste lugar, feliz de saber que não haverá descontinuidade na pesquisa que vimos desenvolvendo no PROPEd há mais de 20 anos: Alice Casimiro, Lourdes Tura, Edil Paiva e Eu e, mais recentemente, com nossos ex-alunos e colegas, Rita Frangella, Rosanne Dias, Verônica Borges e Guilherme Lemos.

Ao todo, 199 estudantes de graduação foram destaque nesta última semana de iniciação científica e estão aqui para receberem suas merecidas menções honrosas e, alguns, seus prêmios. Ao todo, no entanto, tivemos 1146 alunos e alunas apresentando o resultado do seu envolvimento na pesquisa e, em nome de meus colegas pesquisadores desta Universidade, gostaria de homenagear a cada um e a cada uma pelo seu compromisso com um mundo melhor. Prêmios são bons, nos enchem de orgulho e felicidade, mas a seriedade e o compromisso com o nosso trabalho é o verdadeiro motivo que temos para nos orgulhar de sermos quem somos. Estamos aqui para celebrar todos vocês. Ainda assim, eu quero sugerir que há alguns outros motivos para estarmos contentes hoje aqui. Lembro-os porque eles agigantarão esta festa e é uma festa deste tamanho que vocês merecem.

Precisamos festejar por esta Universidade seguir sendo um lugar em que pesquisa, ensino e extensão são manifestações de um mesmo compromisso por excelência acadêmica e responsabilidade social. E é, por isso, que festamos juntos, nesta cerimônia, sem separações ou hierarquias tolas entre graduação e pós-graduação, entre pesquisa, ensino e extensão, que só servem para nos dividir e nos enfraquecer. Precisamos festejar por esta Universidade oferecer ensino de qualidade para alunos e alunas que podem conviver neste ambiente plural o dia todo, assim como para aqueles e aquelas que dividem seus dias entre estudo e trabalho. Precisamos festejar por esta Universidade seguir atenta em relação ao racismo institucional, arraigado em um país construído com o trabalho escravo, e buscar a cada dia novas estratégias para não sucumbir a ele ou a outras formas do que Jessé de Souza chama de separação ontológica entre as pessoas. Precisamos festejar por esta Universidade seguir se aprimorando como espaço de formação pós-graduada e se consolidando como centro produtor de

conhecimento em diversas áreas, o que nós aqui sabemos por viver, mas ficamos felizes de ver reconhecido em diferentes rankings de avaliação. Precisamos festejar porque a ciência que a UERJ produz e a formação que a Universidade oferece vai muito além dos seus muros.

Precisamos festejar porque somos danados de bons e porque as crises não nos impedem de continuarmos sonhando e trabalhando duro para que os nossos melhores sonhos se tornem realidade. Ter todos esses e essas estudantes de graduação aqui hoje, acreditando que pesquisar vale a pena, só é possível porque a alma dessas passarelas de concreto é a nossa certeza de que sim, podemos. Viva, viva, viva!!!

Mas, nós, pesquisadores, já aprendemos que, nos momentos de festa, também temos que ser responsáveis porque muitas pessoas dependem de nós e de nosso trabalho para que suas vidas sejam possíveis. Sem empanar a festa, porque somos madeira que cupim não róí, é preciso lembrar – como ato político – as dificuldades por que vêm passando, não apenas a ciência e a universidade, mas as lutas por justiça social em nosso país.

Há problemas que vem de longe: ciência e tecnologia nunca foram prioridades efetivas em nossa economia dependente. Segundo dados da OCDE, apenas 0,2% da população brasileira tem doutorado, contra a média de 1,1% dos países membros da organização (o quarto pior resultado). Apenas 21% de nossa população têm graduação (11% em 2008), em comparação com a média de 44%. Ainda assim, poucas vezes vivemos momentos tão difíceis. É preciso que lembremos que, em todo o mundo, não se faz ciência sem investimento público. Segundo a NSF, 60% dos recursos de pesquisa nos EUA vêm do Estado, valor que sobe para 77% na União Européia. Aqui, a maioria do financiamento vem do CNPq, da CAPES e das grandes FAPs. O recente ataque às duas primeiras traz a incerteza sobre a continuidade da pesquisa e não pode ser tolerado nem pela comunidade científica nem pela sociedade brasileira. No caso das FAPs, à exceção de alguns poucos Estados –e, felizmente, o Estado do Rio está de volta entre eles –, a situação é de insolvência. Sem financiamento, as pesquisas são descontinuadas, sem bolsas que são, a um só tempo, responsáveis por financiar “a mão de obra” da pesquisa e a formação de pesquisadores, não é possível continuar o trabalho. Em um contexto em que a consolidação da pesquisa é muito

recente, momentos graves como os que estamos vivendo são ainda mais dramáticos.

Paralelamente ao avanço do desmonte da pequena estrutura de pesquisa que construímos, a duras penas, ao longo das últimas 5 décadas, vemos hoje uma desqualificação da Universidade, da pesquisa e do próprio conhecimento como “nunca antes na história deste país”. As estatísticas mostram que sempre fomos um país racista, sexista, homofóbico, com uma distribuição de renda injusta, mas nunca nos orgulhamos abertamente disso. A tentativa recente de transformar a Universidade em inimiga da nação é sem precedentes, assim como as estratégias para fazê-lo. O future-se, como balão de ensaio – por enquanto diz-se voluntário – de “modernização” da Universidade é uma ameaça, não apenas para o caráter público das instituições universitárias, mas, principalmente, para a possibilidade de que tais instituições sigam sendo lugar de produção de conhecimento e de conhecimento socialmente referenciado. Carreiras universitárias são tratadas com desdém e, num prazo mais curto ainda, a dedicação à pesquisa é ameaçada pela possibilidade real de corte de salários e redução de jornada. Vivemos, sem dúvida, tempos sombrios e precisamos seguir denunciando e reivindicando porque não estamos defendendo os nossos interesses corporativos –ainda que as vezes o façamos e não tem nada de mal nisso como trabalhadores que somos. Denunciamos e reivindicamos porque nossas pesquisas trazem, para muitos, a possibilidade de seguir vivos e felizes.

Por isso, em momentos como este, temos certeza de que a Universidade, tão vilipendiada, precisa ser mais forte do que nunca. A boa notícia é que ela tem sido umadas barreiras efetiva contra a destruição dos sonhos dos e das jovens que ela recebe. A Universidade, e a UERJ, tem sido uma gigante que se apresenta para a luta nos momentos em que se quer fazer crer que não há outra saída senão cortar ali onde os orçamentos já são menores do que deviam. A Universidade, e a UERJ, tem vergado, mas não quebrado, quando a luta é pela redução das desigualdades, pela melhoria das condições de vivibilidade dos sujeitos, pela ampliação da nossa capacidade de conversar e conviver. Nesta festa aqui hoje, não estamos tranquilos, temos medo de que programas exitosos como o de iniciação científica percam recursos e sejam inviabilizados. Temos receio de que a violência, física, assim como a violência da desigualdade, torne a vida

desses nossos estudantes-guerreiros e guerreiras – porque sabemos o quanto a maioria deles e delas luta para estar aqui – ainda mais difícil. Se a festa da ciência no Brasil nunca foi fácil, sempre seguimos celebrando teimosamente porque temos compromisso com o outro que olha para nós com a esperança de que suas doenças serão curadas, de que teremos uma boa ideia para diminuir os custos de suas moradias, de que não cessaremos de denunciar as iniquidades e os apagamentos que o “senso comum” vai produzindo. Por isso, quando as coisas pioram, temos que ser ainda mais fortes. Não sei direito de onde tiramos nossa força, talvez de um muito obrigado, de um sorriso ou de uma lágrima, da raiva de ver tanta iniquidade. Sei, no entanto, que em meu nome e em nome de todos os pesquisadores e pesquisadoras desta e das demais Universidades do país, posso me comprometer a continuar firme, “apesar de você”. E fico muito feliz de ver, nesta festa, que teremos, em breve, novos e novas pesquisadoras, nessa nossa luta diária por um país, econômica e socialmente, mais justo. Parabéns aos e às 1146 estudantes, em especial aos premiados deste ano de 2019, que mostraram, na semana de IC, um pouquinho das experiências que viveram na pesquisa neste último ano. Contamos com vocês, sigam em frente com a mesma determinação que os trouxe aqui! Estamos juntos aqui hoje e ninguém larga a mão de ninguém!"

Elizabeth Macedo